

MULHERES E IGREJA QUESTÕES EM PAUTA

Tradução da entrevista de Paolo Lòriga a Maria Voce publicada na revista Città Nuova n.º 21-2013

Com a “Mulieris Dignitatem”, João Paulo II abriu perspectivas inovadoras. Após 25 anos é necessário assinalar que a Igreja não levou em consideração esta carta apostólica. Que conclusões você tira?

«Certamente a Mulieris Dignitatem não recebeu toda a consideração e a aplicação que mereciam ser dadas ao seu conteúdo. Talvez os tempos não estavam maduros. O texto tinha – e continua tendo – um valor profético, e por isso terá uma atuação progressiva à medida que os tempos amadurecerem e as mulheres souberem contribuir de maneira adequada».

«A Igreja é mulher – disse o papa Francisco –. Eu sofro quando vejo que o papel de serviço da mulher na Igreja ou em algumas organizações eclesiais desliza para uma função servil». Agora, na qualidade de pastor universal, o papa poderia começar a inserir mulheres influentes nos ambientes eclesiais de decisões políticas e econômicas, pastorais e espirituais. Você considera isto um bom início?

«Sem dúvida seria um bom início. E posso dizer que já começou. A nomeação de Mary Ann Glendon para o organismo que controla o Instituto para as obras de religião me parece um bom sinal nesta direção. E não é o único. Outras nomeações teriam sem dúvida um grande valor e um significado importante, mas não as considero escolhas decisivas. A meu ver, é preciso que toda a estrutura eclesial esteja disposta a acolher a competência de pessoas do sexo feminino inclusive em lugares onde são tomadas as decisões mais importantes para a Igreja. O Papa Francisco pode fazer muito, mas também é necessário um amadurecimento da consciência eclesial».

No recente encontro com as participantes do congresso sobre a “Mulieris Dignitatem”, o papa Bergoglio afirmou: «É a mulher que concebe, que carrega no ventre e dá à luz os filhos dos homens. E este não é simplesmente um dado biológico, mas acarreta uma riqueza de implicações seja para a mulher mesmo seja para os seus relacionamentos». Em que sentido esta peculiaridade confere à mulher uma aptidão também no exercício do poder?

«Se, de um lado, a função de ser pais é conjuntamente do homem e da mulher, não se pode esconder que no relacionamento mulher-mãe-filho exista uma característica especial, derivada de uma simbiose física, desejada pelo Criador, que tem início no primeiro instante da concepção e gera algo único. Um particular que se manifesta depois na capacidade de gerar e de distinguir-se do fruto do seu ventre. Deste modo, a mulher torna-se capaz de olhar para o homem com um amor desinteressado, muito mais do que aquele do pai em relação ao filho. Este relacionamento peculiar permite à mulher estabelecer com todos os homens uma relação especial. Um relacionamento que é amor e desapego, típico também da mulher que não gera fisicamente, porque é algo que caracteriza o seu ser».

Mulher carismática ou mulher de ação. Todavia deveria existir lugar também para a mulher intelectual, ao invés, a sua contribuição ao magistério não é considerada essencial. Poucas mulheres estão envolvidas na pastoral familiar, poucas possuem cátedras de teologia e a presença delas na formação de sacerdotes é raríssima.

«A fotografia da situação atual é bem exata. A mulher é pouco considerada na sua contribuição à elaboração do pensamento, mesmo porque teve poucas possibilidades de desenvolvê-lo. Apenas recentemente foi admitida nos colégios pontifícios, onde se estuda teologia. Certamente é verdade que existiram mulheres sábias, mulheres que deram um impulso intelectual, mas algumas vezes isso se deu devido à uma inspiração direta do Espírito Santo – como as grandes mulheres elevadas à doutores da Igreja –, e não por terem desenvolvido o próprio pensamento através do estudo e o confronto com outros intelectuais. A mulher sempre precisou assumir outras funções na Igreja e na humanidade».

Você julga que as mulheres estão prontas para assumir grandes responsabilidades na Igreja? Vocês não acabariam aceitando um modelo subalterno e remissivo, sem desenvolver um pensamento da diferença que as torna conscientes de vocês mesmas ?

«Esta é uma acusação ao mundo feminino, mas tem um seu fundamento. As mulheres nunca puderam almejar mais do que as funções tradicionais, por isso se resignaram à própria posição subalterna. Mas quero acrescentar que as mulheres não desejam se colocar em evidência tanto quanto, às vezes, os homens fazem; são mais propensas a se esconderem e a dar a própria contribuição de modo discreto. Não se trata de renunciar a dá-la, mas já que se sentiam protegidas porque dominadas, desenvolveram menos o sentido de competitividade próprio dos homens e, portanto, não amadureceram tanto o desejo de afirmar-se e o impulso de manifestarem publicamente as próprias convicções. Em todo caso, atualmente estão tomando consciência de suas potencialidades e peculiaridades no relacionamento homem-mulher».

Sobre o tema da mulher, Francisco deu apenas algumas indicações. Ele confia mais na fecundidade dos encontros do que em momentos especulativos. Como você avaliaria uma sua iniciativa que desse vida a um comitê permanente, um F8, formado por mulheres com grandes responsabilidades na Igreja?

«Considero que se deva ainda esperar para ver um corpus só feminino à disposição do magistério da Igreja. Todavia, prefiro que a mulher esteja junto dos homens e não separada, ressaltando a própria diferença. Acho útil participar de organismos de consulta, de reflexão ou de decisões que, aos poucos, estão se desenvolvendo na Igreja e, deste modo, fazer escutar a sua voz feminina. Para isso não penso em um F8 mas em um 8 de algum tipo, onde estejam representantes homens e mulheres, porque cada um tem a sua particularidade, e é esta particularidade que serve à Igreja. Um organismo deste tipo me entusiasma».

Francisco indicou um «perigo», o de «promover um tipo de emancipação da mulher que, para ocupar espaços roubados aos homens, abandona o feminino com os traços preciosos que o caracterizam». Você pensa do mesmo modo?

«Uma ação deste tipo é, como se nota na sociedade, um desastre. Se for atuada na Igreja, as mulheres acabariam por se tornar uma caricatura dos homens. Não corresponderiam à própria vocação e nem mesmo àquilo que a comunidade eclesial espera delas».

A peculiaridade da mulher de viver o amor parece não ser compatível com uma função de governo. Qual é a sua experiência, como presidente, de um organismo com homens e mulheres?

«Amor ou governo? Eu diria que é exatamente o contrário: não é possível governar sem amor. De fato, governar significa fazer com que uma pessoa, um grupo, um organismo cresça, expressando-se ao máximo e favorecendo a atuação do desígnio de Deus para cada um. Isso não pode ser feito sem amor. Quando não se tem por objetivo o bem do organismo que se governa e das pessoas que fazem parte dele, como é possível governá-lo? Neste caso, acaba-se por dominá-lo. Mas o domínio não é governo».

Que orientações pode oferecer à Igreja o fato de que, por estatuto, a presidência dos Focolares será sempre feminina?

«O fato de a presidente ser uma mulher pode, a meu ver, promover na Igreja uma visão de Maria ainda pouco considerada, aquela de Mãe da Igreja, ou seja, a figura daquela que contém todas as realidades da própria Igreja».

Nos relacionamentos com a Santa Sé você encontra dificuldades ou surgem dúvidas pelo fato de ser uma mulher?

«De jeito nenhum, embora eu tenha uma perplexidade. Não entendo as razões de fundo que impedem à nossa associação de incardinar os focolarinos que manifestam a vocação ao sacerdócio e que o Movimento julga úteis e necessários para servir o próprio Movimento. São pessoas já consagradas. Bastaria incardiná-los no Movimento, mas parece impossível porque a nossa é uma associação privada e, além do mais, presidida por uma mulher».

O relacionamento homem-mulher é quase sempre problemático. No Movimento, a maior parte das responsabilidades é coordenada por um homem e uma mulher juntos. Por que esta escolha?

«O fato de que geralmente existam, na coordenação das várias expressões e dos diversos organismos dos Focolares, uma mulher e um homem, é sinal da necessidade fundamental da presença dos dois sexos para constituir aquela unidade primitiva desejada pelo Criador, quando criou o homem e a mulher como seres distintos e unidos ao mesmo tempo. Esta unidade entre eles realiza a diferença dos gêneros que não é contraposição, mas dom recíproco».

Valorizar a mulher significa dar-lhe inclusive responsabilidade de governo. Outras Igrejas resolveram a questão com a ordenação sacerdotal (e, às vezes, episcopal) de mulheres. O que sugerir ao papa Francisco?

«Com certeza não lhe sugeriria resolver o problema deste modo. Significaria reconhecer à mulher um serviço particular, o do ministério ordenado; mas a mulher não precisa ser reconhecida pelas qualidades de serviço, mas pela sua capacidade de contribuir ao desenvolvimento da Igreja e de toda a humanidade. A mulher deve ser reconhecida acima de tudo como mulher, não como sacerdote ou bispo, porque não é isso que nos interessa».

Seria importante a nomeação de alguma mulher a cardeal?

«Não acredito que seja importante para a mulher. Em todo caso poderia ser um sinal para a humanidade».

Como você veria o conclave com a presença de superiores e superioras de ordens religiosas e de presidentes de agregações eclesiais internacionais? Seria um reconhecimento para a mulher?

«Gostaria de distinguir o conclave como assembleia na qual se prepara a eleição do papa e o conclave como momento de votação para a eleição do papa. Parece-me particularmente útil se a primeira fase contasse também com a presença de pessoas que desempenham uma função na Igreja e que possam dar uma contribuição com a própria experiência, sem dúvida diferente, mas não menos importante do que aquela dos cardeais.

«Por aquilo que o papa Bergoglio diz, as reuniões que precederam a eleição revelaram-se determinantes para as suas atuais tomadas de posição e para o seu modo de conduzir a Igreja em direção a determinadas metas.

Então, se estas análises tivessem amadurecido em um contexto eclesial mais amplo do que aquele limitado apenas aos cardeais, tenho certeza de que teriam sido apresentadas ao papa atual contribuições mais preciosas. Depois, que se deem a essas pessoas a faculdade de votar para a eleição do papa, é secundário, no momento. Veremos o desenrolar dos fatos, a história da Igreja é guiada pelo Espírito Santo».

Amanhã toca o seu celular. É o papa Francisco que a convida para um encontro para entabular com ele um diálogo sobre mulher e Igreja. A quais assuntos você daria prioridade no encontro com ele?

«Justamente a ele, que nos falou da sua avó e da sua mãe, perguntaria se esta experiência com as mulheres da sua família não o ajudaria também a inspirar uma abertura às mulheres no magistério da Igreja. Gostaria, afinal, que retomasse aqueles exemplos domésticos para evidenciar que as mulheres podem ter uma influência ainda maior do que a de um diretor espiritual ou de um professor.

Além disso, no seu longo serviço pastoral na Argentina também deve ter conhecido muitas mulheres, inclusive responsáveis de ordens religiosas. Com efeito, a sua conduta, o seu modo de relacionar-se e de comportar-se me fazem pensar que ele teve contatos profundos e autênticos com as mulheres. Que possa confiar nestes contatos hoje para fazer emergir o melhor das mulheres na Igreja».